



## SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2016
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Gestão Autônoma da Medicação e a lógica do cuidado
<b>Autor</b>	LETICIA PRESSER EHLERS
<b>Orientador</b>	ANALICE DE LIMA PALOMBINI

## Gestão Autônoma da Medicação e a lógica do cuidado

Autora: Letícia Presser Ehlers

Orientadora: Analice de Lima Palombini

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O presente estudo é parte da pesquisa *Guia GAM como dispositivo de intervenção e formação em serviços de saúde mental*, referida a projeto multicêntrico desenvolvido entre UNICAMP, UFF, UFRJ e UFRGS, em parceria com a Universidade de Montreal, no Quebec, Canadá. Com a participação de usuários de saúde mental de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), o projeto resultou na elaboração da versão brasileira do Guia de Gestão Autônoma da Medicação (Guia GAM-BR), instrumento originalmente criado pelos serviços alternativos de saúde mental do Quebec. A Gestão Autônoma da Medicação propõe a oferta de espaços de conversa sobre a experiência do uso de psicofármacos, visando o protagonismo dos usuários de saúde mental e o compartilhamento das decisões sobre o seu tratamento com os profissionais da equipe - prescritores ou não.

A pesquisa realizou grupos de intervenção (GI) em três CAPS da região metropolitana de Porto Alegre/RS, para validação do Guia GAM-BR finalizado na primeira etapa do projeto multicêntrico. Foram realizadas entrevistas com trabalhadores e profissionais em formação desses serviços e grupos focais com os usuários, posteriormente transcritas, das quais se extraíram os núcleos argumentais que compuseram narrativas por segmento da pesquisa: usuários, psiquiatras (prescritores), outros profissionais (não prescritores).

Os dados produzidos pela pesquisa permitem observar peculiaridades nas relações de cuidado instituídas nos serviços, em especial em torno ao tratamento medicamentoso. A prerrogativa de aceitação obrigatória dos usuários quanto ao uso de psicofármacos é referida como pré-requisito para sua acessibilidade. A esse respeito, diante da decisão do usuário de interromper sua medicação, a fala dos profissionais (prescritores e não prescritores) aponta duas atitudes contraditórias: ao mesmo tempo que os profissionais referem que o acompanhamento (psiquiátrico) é interrompido e que se interrompe o tratamento (no serviço), também referem que toda a equipe se mobiliza, procurando discutir o caso e sugerindo aumento da frequência ao serviço. Da mesma forma, há o reconhecimento de que o usuário possa tomar a decisão de interromper o uso de medicamentos, sob a condição, porém, de que não esteja em surto ou em situação de risco; há, contudo, diferenças na percepção das equipes quanto à responsabilidade por essa decisão: para alguns, ela é exclusivamente do usuário; para outros, é uma situação a ser compartilhada também com a equipe e a família do usuário.

Cabe, a esse respeito, a formulação proposta por Annemarie Moll, que identifica duas lógicas antagônicas no modo de relação estabelecida entre trabalhadores de saúde e usuários: a lógica da escolha e a lógica do cuidado. A escolha está relacionada a um ideal de liberdade e autonomia individuais, que enfatizam os aspectos da razão e da independência do indivíduo, considerando a responsabilidade una do usuário quanto à decisão de interrupção ou suspensão do tratamento, baseando-se em juízos normativos para tanto. Ao passo que o cuidado compreende o sujeito em sua rede de relações, é um processo contínuo, fluído e adaptável, não possui limites claros, são várias mãos trabalhando juntas, de forma que a equipe o acompanha e se corresponsabiliza, construindo coletivamente alternativas ao tratamento. A lógica do cuidado apresenta-se como possibilidade de reposicionamento das relações instituídas nos serviços de saúde, valorizando a voz ativa do usuário, como *sujeito de saber* que se constitui na experiência de viver a medicalização, o adoecimento, a relação com as redes de saúde e o estigma que atravessam suas relações sociais, protagonizando transformações no seu entorno.

O presente trabalho propõe-se à apresentação do pensamento de Annemarie Moll, como ferramenta conceitual para análise dos dados colhidos na pesquisa.